



# DEFENDER A DEMOCRACIA EM TEMPOS DE EPIDEMIA

Os tempos que correm são tempos difíceis.

Difíceis porque fomos abrupta e inesperadamente surpreendidos por uma pandemia que assola todos os povos, nomeadamente o povo português.

Difíceis porque são intrínsecos à natureza do sistema capitalista, agora irrompendo com mais força insidiosa, atingindo sobretudo os trabalhadores, os jovens, os reformados e a população mais desfavorecida.

Intensificou-se a precariedade laboral, o lay off, os despedimentos, a desregulação dos horários. Limitaram-se os direitos dos trabalhadores e atacou-se o SNS e a escola pública.

Para branquear e minimizar a realidade - seja a pandemia, seja a crise económica, social e cultural -, fomenta-se, através da comunicação social, das redes sociais e de outras formas, o alarmismo e o medo, o conformismo e o aceitar passivamente, sem espírito crítico, as medidas governamentais.

Em contrapartida, atacam-se os que não têm outra arma senão as suas organizações e as suas legítimas lutas.

Cria-se na opinião pública um clima psicológico de aceitação antecipada da ideia de que são necessárias medidas de contingência, de confinamento e de estados de emergência e agora, aos sábados e domingos, o recolher obrigatório, no pressuposto de que a pandemia vai ser sanada e mitigada.

Medidas sim são necessárias e imprescindíveis, designadamente a dotação de mais meios humanos e materiais para o SNS, para os transportes, escola pública, creches, infantários e lares e outras que invertam o afundamento da economia e sobretudo as micro, pequenas e médias empresas.

A deterioração da situação económica e social, o atraso nas medidas de antecipação e prevenção, o não encarar a realidade com a força da realidade e dizer a verdade aos portugueses são condições sem as quais as medidas são incompletas e quase inócuas.

Cavalgando sobre esta complexa e contraditória situação, emergem da sombra os saudosos do passado fascista, os inimigos e detractores do 25 de Abril.

O populismo, a xenofobia e o racismo irrompem e grassam em terreno fértil, representados politicamente por forças fascistas e fascizantes, com cobertura mediática altamente desproporcionada.

Como é possível no Portugal de Abril o ataque ao Serviço Nacional de Saúde, à escola pública, às liberdades e ao regime democrático por parte de formações políticas em confronto aberto com a Constituição da República Portuguesa?

A URAP, legítima representante dos que lutaram pelas liberdades, contra a repressão e o controle social dos portugueses, apela a todos democratas e antifascistas para cerrarem fileiras e lutarem contra os que defendem princípios e valores do passado fascista.

Apela também ao povo português para encontrar conjuntamente (embora com diferenças substantivas) uma forma de superar os tempos difíceis em que vivemos, não só relativamente à pandemia, mas também no modo das nossas vidas e do nosso trabalho.

Com confiança e determinação, vamos superar os tempos difíceis!

*César Roussado*

## REFORÇAR A ACÇÃO ANTIFASCISTA - págs. 6, 7 e 12

O reforço da organização da URAP e, com ela, da acção antifascista esteve em destaque na recente Assembleia-geral e é prioridade para a intervenção.

## CELEBRAR E DEFENDER O MUSEU - págs. 4 e 5

## RESISTÊNCIA E MEMÓRIA NO MUNDO - págs. 10 e 11



# HOMENAGEM A ÁLVARO SEIÇA NEVES NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

O advogado Álvaro Seiça Neves, militante antifascista, preso político, que pertenceu à organização dos três congressos da oposição que se realizaram em Aveiro, foi homenageado dia 17 de Outubro, em Aveiro, no centenário do seu nascimento.

Na sessão, organizada pelo núcleo de Aveiro da URAP, tomaram a palavra António Morais, que dirigiu os trabalhos, António Regala, Jorge Sarabando e o General Pezarat Correia, para além de membros da família que, num momento significativo e emotivo, enalteciram a iniciativa e deram uma nota importante sobre a vida do homenageado.

Abriu a sessão António Morais que saudando todos os presentes, incluindo os presidentes da Assembleia Municipal de Aveiro, da Câmara Municipal de Aveiro e da União de Juntas de Freguesia da Glória e Vera Cruz, justificam o acto, além dos méritos do homenageado, também pelo «exemplo de resistência à usurpação da liberdade e da democracia».

Já António Neto Brandão, através de uma mensagem, referiu a coragem, firmeza e inteligência do homenageado, do qual bebeu, não só a amizade, mas também o sentido de luta e de unidade. António Regala lembrou Álvaro Seiça Neves na perspectiva do jovem que o conheceu e com ele conviveu e travou lutas sérias contra o regime fascista. Considerou que teve sempre «em conta as mais diversas sensibilidades políticas – oposicionistas, claro - promovendo os consensos».

Jorge Sarabando começou por referir Álvaro Seiça Neves como «um obreiro da democracia». Depois de evocar a importância do homenageado em todos os três congressos, referiu o interesse de militares no III Congresso: «Teve influência em muitos militares de Abril e na elaboração do Programa do MFA.»

O General Pezarat Correia contou um episódio em que, tendo aceitado um convite de Seiça Neves para um fim-de-semana em Aveiro, onde estaria também o General Vasco Gonçalves, viu quase gorado esse encontro. E isto porque Vasco Gonçalves pediu para que fosse cancelado (visto já não estar no governo e estar a ser alvo de um violento ataque), de modo a não prejudicar Pezarat Correia, que integrava o Conselho da Revolução. E foi Pezarat Correia, que sabendo desta humildade e sentido ético, exigiu que se fizesse esse encontro, um dos «mais significativos da sua vida».

Falaram ainda dois familiares do homenageado. Daniel Cruzeiro, neto mais velho, que enalteceu a iniciativa da URAP e aludiu à quantidade de democratas que passavam por sua casa nas mais diversas reuniões que se faziam. Paula Seiça Neves Barbado, sobrinha, mencionou todo o



carinho recebido de seu tio, sobretudo após a morte da mãe (irmã do homenageado), quando ainda era menor.

Antes da sessão terminar ainda se ouviram dois temas de José Afonso cantados a capella por Rui Oliveira. Antes de encerrar a sessão, URAP propôs à Câmara a atribuição a uma rua da cidade o nome de Álvaro Seiça Neves, com a aclamação de todos os presentes.

## NÚCLEO DO CONCELHO DA MOITA PROMOVE CICLO DE CINEMA



O núcleo do concelho da Moita está a promover um ciclo de cinema alusivo à resistência ao fascismo, em parceria com a Câmara Municipal da Moita e a União de Freguesias da Baixa da Banheira e Vale da Amoreira. As sessões do Fórum José Manuel Figueiredo, na Baixa da Banheira. Foi exibido «Raiva», de Sérgio Tréfaut, no dia 10 de Novembro, para 55 pessoas. Na ocasião, interveio Armando Morais, funcionário clandestino do PCP, e a apresentação esteve a cargo de Irene Encarnação, do núcleo.

Já a 4 de Novembro fora exibido «A Balada da Praia dos Cães», de José Fonseca e Costa, perante cerca de 55

pessoas. A intervenção ficou a cargo de José Pedro Soares, dirigente da URAP e ex-presos político, e a apresentação de Diamantino Cabrita.

A abrir o ciclo, a 27 de Outubro, esteve o filme «Cinco Dias, Cinco Noites», de José Fonseca e Costa. Domingos Abrantes, ex-presos político e membro do Conselho de Estado, e José Nicolau Presumido, antifascista residente na Baixa da Banheira, intervieram perante meia centena de pessoas. Adriano Encarnação apresentou a sessão.

O ciclo encerrou a 25 de Novembro, com «Outro país», de Sérgio Tréfaut.

# URAP

**URAP**

Propriedade e edição da  
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS  
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**  
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

**AV. JOÃO PAULO II, LOTE 540-2D, LJ 2**  
**1950-157 LISBOA • TELEFONE 213 576 083**

**DEPOSITO LEGAL: 357338/18**



## «O PASSADO FOI LÁ ATRÁS?» FOI MOTE DE DEBATE EM ÉVORA

José Pedro Soares, ex-preso político e dirigente da URAP, esteve presente numa sessão em Évora promovida em conjunto pela colectividade SOIR Joaquim António d'Aguiar e a URAP sob o tema «O passado foi lá atrás?», que visava lembrar as atrocidades do fascismo e a luta pela democracia em Portugal.

A sessão, realizada na sede da colectividade, ocorreu dia 17 de Setembro passado, e foi conduzida por Manuel Branco, nela participando igualmente José Mendes, dirigente da SOIR.

José Pedro Soares, depois de afirmar que «veio conversar com amigos sobre temas da actualidade, mas também recorrendo à história e à experiência enquanto democrata para poder evocar o 25 de Abril», chamou a atenção para «expressões e actos que estão a decorrer e que de alguma forma estão a pôr em causa a democracia e os seus valores tal como os entendemos».

O orador salientou ainda que, «sabendo que este percurso histórico foi tão doloroso para o nosso povo, é necessário nesta altura



sinalizar essas coisas e saber combater populismos e as extremas-direitas e tudo aquilo que vem pôr em causa os nossos direitos tão duramente conquistados».

O dirigente da SOIR José Mendes, por sua vez, declarou à imprensa local, que a iniciativa visou «a valorização destes espaços democráticos, tendo partido também de uma atitude louvável de outras associações da cidade de envolver o movimento associativo nesta construção da democracia».

Referindo-se ao convidado, Manuel Branco sublinhou que «estes homens são personagens vivas da nossa história contemporânea e vale a pena ouvi-los».



## URAP EVOCA NO PORTO NASCIMENTO DE VIRGÍNIA MOURA

Virgínia Moura, que dedicou a sua vida à luta antifascista, presa política por 16 vezes, foi evocada pelo núcleo da URAP do Porto nos 105 anos do seu nascimento, em cerimónia realizada dia 25 de Julho na Rua do Heroísmo, ex-sede da PIDE naquela cidade, com a presença de cerca de 30 pessoas.

A comemoração iniciou-se com o poema de Papiniano Carlos dedicado a Lobão Vital, a Virgínia Moura e à luta antifascista, lido por Ilda Marques; seguindo-se a alocução de Maria João Antunes, bolsreira de investigação na Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação do Porto, que evocou a vida e o combate de Virgínia, equiparando o seu exemplo à luz dos problemas e das lutas actuais; e por último falou Mário João Mesquita, arquitecto e autor do projecto em curso na ex-Pide, que deu conta do andamento dos trabalhos, das dificuldades mas também das vitórias da URAP para a execução naquele espaço de memória da luta antifascista no Porto.

Maria João Antunes afirmou na sua intervenção que «Virgínia Moura foi a segunda mulher em Portugal a licenciarse como engenheira civil, mas nunca pôde exercer a sua profissão em cargos públicos ou ter acesso ao ensino».



«Presa 16 vezes e torturada umas outras tantas, foi agredida por diversas vezes pela PIDE e polícias, foi condenada três vezes pelos tribunais fascistas e nunca deu um passo atrás. A história da repressão fascista anda de mão dada com a história da resistência de Virgínia Moura», disse.

Como outrora escreveu o escritor Ferreira de Castro numa mensagem de solidariedade à revolucionária comunista, repetindo uma expressão usada por Teixeira de Pascoaes, Virgínia era bem uma «força da natureza».

# URAP CELEBRA CONVÍVIO QUE LEVOU À CRIAÇÃO DO MUSEU NACIONAL RESISTÊNCIA E LIBERDADE



A URAP promoveu no sábado, 31 de Outubro, a comemoração simbólica do quarto aniversário do convívio na Fortaleza de Peniche que, na altura, reuniu muitas centenas de pessoas, e foi dinamizado por ex-presos políticos, familiares e democratas de diferentes sensibilidades, com o apoio e envolvimento da URAP.

Devido às restrições causadas pela epidemia, estiveram presentes quatro dirigentes da URAP: três ex-presos políticos - José Pedro Soares, Álvaro Pato e Adelino Pereira da Silva - e a filha de um outro, Anabela Carlos, que saudaram a criação do Museu Nacional Resistência e Liberdade no local onde esteve prevista a construção de uma pousada - a Fortaleza de Peniche, prisão política de alta segurança do regime fascista até ao 25 de Abril de 1974.

José Pedro Soares sublinhou o «grande impulso» que o convívio deu «ao movimento que se ergueu contra a intenção do governo de entregar a Fortaleza de Peniche a privados, para fins hoteleiros em 25 e 27 de Abril de 2018, numa memorável jornada que juntou milhares de pessoas». «O governo acabou por recuar. O Museu foi finalmente criado. A primeira fase já inaugurada», afirmou.

Álvaro Pato defendeu que se deve «avançar com o resto que ainda falta fazer, para que a história seja contada

com verdade e o fascismo não seja branqueado» e «os que já nasceram depois do 25 de Abril possam percorrê-lo, como numa viagem a esse tempo, e assim conhecerem como era o Portugal no tempo da ditadura. Saberem como muitos jovens das suas idades souberam dizer não e lutaram contra o fascismo, as guerras, pela liberdade».

Anabela Carlos, filha do preso político José Carlos, um dos dez presos que se evadiu da Fortaleza de Peniche, contou que apesar de criança, ainda se lembra quando vinha visitar o pai, que «esteve ali encarcerado numa daquelas celas, atrás daquelas grades», acrescentando que «antes de o trazerem para o Forte de Peniche já tinha passado por outras cadeias».

Adelino Pereira da Silva afirmou que «o fascismo foi um crime por isso o combatemos. Tal como combatemos nos dias que correm as ideias e práticas fascistas que reaparecem sempre quando os democratas se distraem». «O 25 de

Abril, o derrube do fascismo, foi apenas o grande passo, mas a democracia defende-se e constrói-se todos os dias e a melhor forma de defender os direitos conquistados é exercê-los, tal como constam na Constituição», disse.

Na cerimónia, a actriz Ana Maia disse dois poemas - «Abandono», de David Mourão Ferreira, e «Sou Barco», de António Borges Coelho - e no final os presentes gritaram: «25 de Abril sempre fascismo nunca mais».

Ex-presos políticos, familiares, antifascistas em geral e organizações que lutam pela preservação da memória, realizaram em 29 de Outubro de 2016 um grande convívio na Fortaleza de Peniche com muitas centenas de pessoas e lançaram uma petição dirigida à Assembleia da República que, em poucos dias, recolheu cerca de 9 600 assinaturas. Nas duas iniciativas condenavam a intenção do governo de transformar a Fortaleza numa pousada e reclamavam a criação do museu.



Convívio na Fortaleza de Peniche em 2016



# PROTOCOLO DE COOPERAÇÃO ENTRE URAP E DGPC

A URAP e a Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC) assinaram, dia 17 de Julho, em Peniche, um protocolo de cooperação que visa o desenvolvimento de um conjunto de acções, nomeadamente partilha de conteúdos, previstas no projecto de criação do Museu Nacional Resistência e da Liberdade.

Com a presença da ministra da Cultura, Graça Fonseca, o protocolo foi assinado pelo membro do Conselho Directivo da URAP e ex-preso político José Pedro Soares e pelo director-geral do Património Cultural, Bernardo Alabaça. Na mesma ocasião, a DGPC assinou um documento com os mesmos objectivos com José Capucho, representante do PCP, outra das entidades que integra a Comissão de Instalação dos Conteúdos e da Apresentação Museológica.

José Pedro Soares valorizou, na sua intervenção, o trabalho, a colaboração e a parceria com a DGPC; o Memorial erguido no pátio da fortaleza em honra dos presos políticos; o circuito da solidariedade e resistência; o trabalho da URAP nas escolas; o acompanhamento de grupos de visitantes e outras iniciativas que ali decorreram; sublinhando a importância dos objectos e muitos documentos que os ex-presos deixaram e que agora serão entregues para que possam ser expostos no museu.

Os signatários comprometeram-se a ceder «gratuita e temporariamente» peças e documentos identificados como relevantes «para completar e enriquecer [o museu], em regime de depósito (ou doação)», bem como a participar em acções de divulgação, incluindo colóquios, conferências, visitas guiadas específicas, acções do Serviço Educativo e na realização «de eventos conjuntos sempre que tal se mostre oportuno, mantendo, para o efeito, permanente comunicação recíproca das respectivas actividades».

Nos termos do protocolo, válido por cinco anos, a DGPC disponibilizará «todas as informações relevantes sobre o Programa Museológico». O Museu



A ministra da cultura, Graça Fonseca, com José Capucho, do PCP, o director da DGPC, Bernardo Alabaça, e José Pedro Soares, da URAP

Nacional da Resistência e da Liberdade, inaugurado em 2017 na Fortaleza de Peniche e que está a receber ainda obras de requalificação, tem desde Abril de 2019

a exposição «Por Teu Livre Pensamento», uma amostra do que vai ser o futuro museu.

# ASSEMBLEIA-GERAL

## em sala cheia de cravos planifica intensa actividade antifascista



A Assembleia-geral da URAP (AG) decorreu nos dias 29 de Setembro e 24 de Outubro, em Lisboa, para apresentação do Plano de Actividades para o ano de 2020/2021, apresentação, discussão e votação do Relatório e Contas de 2019, e troca de informações. Foi votada por unanimidade uma moção na qual se reitera a «condenação dos actos fascistas, racistas e xenófobos que ocorreram nos últimos tempos em Portugal».

Marcada para Setembro, a Assembleia-geral – que não se realizou em Março devido à epidemia que assola o país e o mundo – foi dividida em duas sessões por impedimento nesta data do presidente do Conselho Fiscal e contou na primeira sessão com a participação de 88 sócios, e 20 na segunda, que se reuniram na Casa do Alentejo, cumprindo as normas de segurança emitidas pela Direcção Geral da Saúde. Nela aderiram à organização sete novos sócios, que se vieram juntar-se aos 50 que se inscreveram durante o ano passado.

Na sessão de 19 de Setembro, a sala encontrava-se ornamentada com muitos cravos, espalhados pelas cadeiras e pela mesa onde o presidente da Assembleia Geral, Levy Baptista, conduziu os trabalhos, ladeado por Eulália Miranda e Celestina Leão. A 24 de Outubro, para além de Levy Baptista, encontrava-se o presidente do Conselho Fiscal da URAP, Álvaro Contreiras, que apresentou o Relatório e Contas, que foi aprovado por unanimidade.

## Contra o fascismo, hoje como ontem

A moção da Direcção, lida por Palmira Areal, considerava que a «acção fascizante, contrária aos Estatutos da URAP, que se vem desenvolvendo desde há anos e que contraria os princípios da Constituição da República Portuguesa, exige da parte do Estado um combate firme e determinado», e apelava «a todos os antifascistas para que, através da sua actuação de afirmação dos valores de Abril, combatessem este fenómeno que se vem alastrando pela Europa e pelo Mundo».

Marília Villaverde Cabral, coordenadora da direcção, destacou, na intervenção de abertura, as actividades da URAP, este ano mais reduzidas devido à COVID 19, mas mesmo assim significativas, como a Petição entregue na Assembleia da República contra a abertura em S. Comba Dão de um museu dedicado a Salazar, sob a cobertura de outra designação, de que se aguarda



decisão; a inauguração da primeira fase do Museu de Peniche, no dia 25 de Abril, com intervenções do primeiro-ministro e do ex-priso político Domingos Abrantes e, no dia 27, a festa popular.

Acrescentou ainda a participação da URAP no congresso da Federação Internacional de Resistentes (FIR), que denunciou o crescimento das forças fascistas; as comemorações do 25 de Abril, nas quais foi cantada «Grândola, vila morena» nas sedes da URAP de Lisboa e Setúbal e distribuídos cravos vermelhos a quem passava; e a procura de documentação da URAP por parte de investigadores.

A coordenadora previu que este ano as sessões em escolas, que a URAP dedica à juventude, terão de ser provavelmente em videoconferência, «como já o fez o nosso companheiro Zé Pedro Soares», informando que de Março de 2019 até agora «realizámos cerca de duas centenas de sessões e chegámos a mais de 5000 alunos».

Sobre o facto de não haver lançamentos dos livros editados pela URAP, Marília Villaverde Cabral realçou a sua importância «tanto a nível orgânico como a nível financeiro», para anunciar que «preparamos a edição de novas publicações sobre as prisões/fortalezas de Angra do Heroísmo;



sobre as Mulheres que estiveram presas; sobre a PIDE no Porto e sobre Caxias».

Referindo-se ao Museu do Porto, a oradora congratulou-se pela Assembleia da República «ter aprovado os projectos de Resolução do BE e do PCP», como sendo mais um passo para a sua concretização.

A inauguração de uma peça escultórica evocativa da libertação dos presos de Caxias, numa cerimónia em Oeiras, «tendo o José Pedro Soares intervindo, em nome da URAP, e tendo proposto também, naquele local, um memorial com o nome dos presos», foi ainda lembrada.

Ao referir-se também a 2020, e desta vez na área internacional, Marília Villaverde Cabral anunciou que, «conforme está escrito no Plano, há iniciativas que não dependem de nós, como a visita guiada a Andaluzia, a ida colectiva ao Parlamento Europeu e o Comboio dos 1000».



## «Muito trabalho pela frente»

José Pedro Soares, da direcção e ex-presos político, sublinhou a necessidade de combater o populismo e a extrema-direita, cabendo à URAP intervir também nesse âmbito. Lembrou que em 31 de Outubro se assinala, em Peniche, a passagem dos quatro anos do encontro/convívio realizado na Fortaleza que exigiu que o Governo retirasse aquela cadeia do programa REVIVE e fosse edificado no local o Museu Nacional Resistência e Liberdade.

A iniciativa «Uma vitória alcançada uma luta a continuar» está, este ano, comprometida devido à pandemia e às restrições de circulação nesse período, realizando-se apenas simbolicamente com a presença de três ex-presos políticos.

O orador disse ainda que vai ser lançada uma edição em espanhol do livro da URAP «Forte de Peniche - Memória, Resistência e Luta», em Espanha, com a presença dos autores, e construído um monumento junto à prisão de Caxias com o nome dos presos políticos ali encarcerados durante o fascismo.

O membro do Conselho Directivo da URAP César Roussado apelou aos sócios para o pagamento das quotas em atraso



e sugeriu uma «contribuição especial» para fazer face, durante a pandemia, às dificuldades que a organização atravessa por não poder levar a cabo algumas actividades.

Ana Pato referiu-se aos aspectos relacionados com a informação e comunicação da URAP – boletim, página, facebook –, e Francisco Canelas à ida ao Congresso da FIR, que decorreu em Reggio Emilia, Itália, entre 29 de Novembro e 01 de Dezembro, com a participação de 20 países europeus, sob o lema: «Guerra nunca mais», «Fascismo nunca mais!», e «Preservação da memória!».

Durante a Assembleia Geral usaram da palavra, ainda, os responsáveis dos núcleos da Moita, Amadora, Porto, Seixal, Viseu/Santa Comba Dão, Almada, Barreiro,

Peniche, Loures/Odivelas e Aveiro, fazendo uma resenha da actividade durante o ano transacto.

No encerramento dos trabalhos, a coordenadora usou da palavra para dizer que temos de travar «lutas, mesmo com esta pandemia que se abateu sobre a humanidade, porque o capital, como verificamos, está a aproveitar-se da situação, para atacar os nossos direitos».

Finalizando: «Temos muito trabalho pela frente, é certo, mas Abril tem muita força e nós confiamos na juventude, nos trabalhadores, no povo, para defender a democracia e a paz».

A Associação de Amizade Portugal-Cuba enviou saudação à AG, e a Juventude Comunista Portuguesa fez-se representar.

# VIDAS VIVIDAS DO LADO CERTO

Durante os meses de Julho e Agosto, a URAP noticiou a morte de quatro democratas e antifascistas que dedicaram muito das suas vidas a combater o regime fascista e a construir o Portugal democrático.

## Maria Custódia Chibante

Morreu dia 2 de Julho. Natural do Couço, concelho de Coruche, era filha de uma camponesa e um pedreiro, não conseguindo cumprir o seu sonho de ser professora foi comerciante em Foros de Lagoiços. Militante do Partido Comunista Português, iniciou na juventude a sua actividade política e foi presa pela PIDE a 27 de Maio de 1962. Segundo o dossier da PIDE, Custódia Chibante foi brutalmente torturada, esteve 98 horas em interrogatório, foi esbofeteada e espancada com bastões durante duas semanas. Foi sujeita à tortura da estátua e à tortura do sono durante 75 horas. Foi internada no hospital de Caxias, incapaz de andar e de comer.



## Luís Filipe Costa

Morreu a 21 de Julho, aos 84 anos. Jornalista, radialista, realizador de televisão, actor e encenador. Pertenceu ao MUD Juvenil, foi a voz da revolução quando às 8h00 do dia 25 de Abril de 1974, entrou na rádio e leu todos os comunicados do MFA. Luís Filipe Costa foi autor de mais de 30 telefilmes de ficção, tendo trocado o curso da Faculdade de Economia por uma carreira no mundo da rádio. Foi também actor e encenador, e escreveu os romances Borboleta na Gaiola (1984) e Agora e na Hora da Sua Morte (1988). Teve vários prémios de carreira e em 2011, foi condecorado com o Grau de Comendador da Ordem da Liberdade.



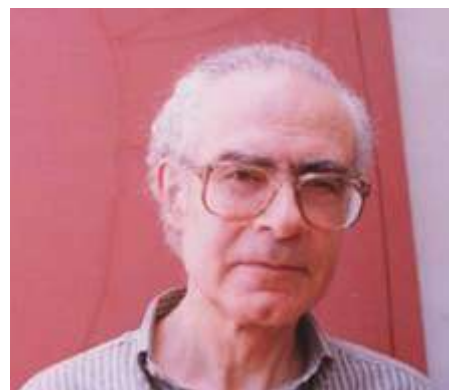
## Fernanda Lapa

Morreu 6 de Agosto, aos 77 anos. Actriz e encenadora com participação em eventos da URAP, era directora artística da Escola de Mulheres-Oficina de Teatro desde a sua fundação, em 1995, criada para romper com o panorama teatral português, em relação à forma como as mulheres eram olhadas. A sua carreira teve início em 1962, no Teatro dos Alunos Universitários de Lisboa. Foi uma das fundadoras da Casa da Comédia, em Lisboa. Dirigiu peças de teatro, «teatro-dança» e óperas, desenvolvendo paralelamente acções pedagógicas nas áreas do teatro e do cinema. Recebeu o Globo de Ouro (2005) e foi distinguida nesse mesmo ano com a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura.



## Nikias Skapinakis

Morreu dia 26 de Agosto, aos 89 anos. Um dos nomes maiores da pintura portuguesa da segunda metade do século XX, foi militante do MUD Juvenil, candidato da Oposição Democrática, nas eleições para a Assembleia Nacional, nas décadas de 1950 e 1960, e foi preso pela PIDE em 1962 na cadeia do Aljube. Desde a década de 1940 dedicou-se quase exclusivamente à pintura. Expôs pela primeira vez em 1948, na SNBA, nas mostras colectivas dos jovens artistas. Fez trabalhos em litografia, serigrafia e ilustração. A sua vasta obra foi exposta em diversos museus e galerias. Está representado nas principais colecções de arte em Portugal. Obteve diversos prémios e condecorações entre os quais a Ordem de Santiago de Espada (Grande Oficial), em 2006.





# O MOTIM DE PENICHE FOI HÁ 85 ANOS

A 13 de Novembro assinala-se os 85 anos da Revolta Popular de Peniche, também conhecida por «Motim de Peniche» ou «Guerra das Espoletas», uma das grandes lutas da resistência ao fascismo contra a repressão, a miséria e a fome.

O povo de Peniche, com destaque para os pescadores e suas famílias, revoltou-se em 13 de Novembro de 1935 contra a proibição da pesca durante um ano, dos barcos condenados e a prisão de 62 mestres, tendo ocupado a vila, cortado as comunicações telefónicas e telegráficas e levantado uma barricada à saída de Peniche. Foi gritada pela população a palavra de ordem: «Sem pesca não há pão».

Quando as camionetas se encontravam na Praça Jacob Rodrigues Pereira prontas para transportar os mestres para a cadeia das Caldas da Rainha, os sinos começaram a tocar a rebate, chamando a população à rua. O comércio e as escolas fecharam, as conserveiras aderiram à luta.

A população invadiu os carros destinados ao transporte dos mestres na tentativa de impedir a sua transferência. A massa humana segue para o Portão de Peniche de Cima, barra a estrada, cortando o trânsito, para impedir a saída das camionetas.

Na zona da Prageira (antigo Juncal) foram derrubados postes telefónicos e de telecomunicações, e cortados os fios. A GNR, reforçada com mais forças, vindas de outras localidades, reprime ferozmente estas acções, começando a disparar, matando a tiro o pescador Francisco Sousa e ferindo outros.

Após estes acontecimentos, a vila foi invadida por forças militares e outras forças da repressão (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, antecessora da PIDE), sendo decretado o «estado de sítio». A PVDE realizou 45 prisões, sendo os presos enviados para a prisão do Limoeiro, em Lisboa.



Os presos foram os seguintes: Acácio Vagos Varina; Álvaro Ambrósio; Antero Pereira Teixeira; António Ceia; António Domingos Guincho; António Heitor; António Nobre «O Arsénio»; António Valnove Carvalho; Asselino Ginga; Augusto Santana Veloso; Carlos Leiria Júnior; Custódio Ramizo Soisinha; Domingos Mesquita «O Marreco»; Eduardo Vieira Simões; Francisco de Castro Gonçalves «O Farruca»; Francisco Leonardo Franco «O Carélia»; Idalino Gomes «O meia mão»; Inácio Eusébio; João Cupertino da Silva «João Vareia»; João Francisco Serpa «O João Vitória»; Joaquim André dos Santos; Joaquim de Jesus Godinho «O Guerra»; Joaquim Lares Couto; Joaquim Moura; Joaquim Nunes Carveiro; José Alves da Cruz «O Vienês»; José Amândio «José Mendonça»; José André Godinho «José da Gata»; José do Carmo Homem; José Domingos da Costa; José João; José Jaime da Cruz Varela; José Joaquim de Sousa Varela; José Luís Ferreira Brilha; José da Luz; José Madeira de Campos; José Maria Francisco; José Maria Ribeiro Borges; José do Rosário Serafim «José Catarino»; Luís de Sousa «O Lio»;

Manuel Eusébio Serrano «O mala preta»; Manuel Eustáquio; Marcolino Eustáquio; Norberto Mota; Umberto Narciso.

Nos dias posteriores, o regime foi obrigado, pela força dos acontecimentos, e pela luta incessante da população, a libertar os mestres e os outros detidos e a permitir que os barcos pudessem ir ao mar. Foi também com esta jornada de resistência que se conseguiu que uma reivindicação antiga dos pescadores de Peniche fosse realizada: a construção do molhe Oeste.

A URAP pretende manter viva a memória histórica desta luta e assinalar os 85 anos deste acontecimento com a realização de uma sessão histórica evocativa, quando as condições de pandemia o permitirem; a feitura de uma brochura sobre este acontecimento; um Roteiro da Revolta, passando pelos locais da contenda; uma exposição que possa percorrer as escolas e as colectividades do concelho e uma escultura/monumento, que assinale este acontecimento, de homenagem ao pescador que foi morto, aos presos e à população de Peniche.

# DAR A CONHECER O QUE FOI O FASCISMO E A RESISTÊNCIA

A URAP desenvolve já há alguns anos um projecto que visa investigar, recolher, tratar e disponibilizar informação sobre os presos da PIDE (1934-1974) e de polícias políticas anteriores da Ditadura (1926-1933), com base nos registos disponíveis no Arquivo da Pide da Torre do Tombo.

Trata-se de um estudo inédito que vai proporcionar um novo grau de conhecimento e rigor aos estudiosos daquele período negro da História de Portugal, bem como a quem esteja empenhado em conhecer e divulgar o que foi a repressão do regime fascista, alertando sobretudo os jovens para o perigo que pode advir no futuro do desconhecimento desta realidade.

Para cada preso, para além do nome e número são recolhidos os dados

de identificação: data de nascimento, naturalidade, sexo, profissão e residência e também os dados sobre cada uma das suas prisões, as cadeias onde estiveram detidos, e as datas de entrada e saída em cada uma das delas.

O trabalho que a URAP está a realizar foi já utilizado no Memorial aos presos políticos de Peniche inaugurado em 25 de Abril de 2018 e também aos Presos Políticos de Caxias inaugurado em Junho de 2020, com a inscrição do número de presos de cada ano inscritos nas 39 lajes que conduzem à peça escultórica, uma por cada ano de funcionamento da prisão de Caxias, de 1936 a 1974, como cadeia para presos políticos do fascismo.

Também algumas publicações que a URAP está a preparar sobre presos



políticos irão incluir listas de nomes e outros dados disponibilizados por este projecto.

Esta informação destina-se igualmente aos núcleos da URAP, para ser utilizada localmente, tornando a luta dos democratas presos e a repressão fascista mais conhecidas e para lhes prestar homenagem nas suas localidades e concelhos.

## MANIFESTAÇÕES RACISTAS SÃO CONTRÁRIAS À DEMOCRACIA

A URAP, como organização antifascista e defensora dos direitos humanos, condenou veementemente, dia 17 de Agosto, os actos racistas e as ameaças de ódio contra um grupo de dez pessoas, que inclui três deputadas e dirigentes associativos, considerando-os uma ameaça à democracia.

Esta ameaça segue-se a muitas outras manifestações de racismo, entre as quais a concentração de pessoas de cara tapada e

tochas, ao estilo «parada Ku Klux Klan», que ocorreu a 15 de Agosto à porta da sede de uma organização anti-racista.

Estes actos criminosos que ferem a Constituição da República, já criticados pelos órgãos de soberania e por partidos políticos, exigem uma intervenção das autoridades, a investigação célebre do Ministério Público e o repúdio de todos os democratas e antifascistas.

A URAP - que dedicou o editorial do boletim nº 161 à problemática do racismo, considerando que «o racismo não é opinião, é um crime, um atentado à democracia e à liberdade» - alerta, uma vez mais, para o ascenso das forças reaccionárias e populistas e apela a todos os democratas para que travem um combate firme contra a sua propagação.

### ARISTIDES DE SOUSA MENDES NO PANTEÃO NACIONAL



A URAP congratula-se com a aprovação por unanimidade, dia 9 de Junho, pela Assembleia da República, da concessão de honras de Panteão Nacional a Aristides de Sousa Mendes, o cônsul português em Bordéus que salvou a vida de milhares de judeus durante a II Guerra Mundial.

Aristides de Sousa Mendes, que nasceu em Cabanas de Viriato em 19 de Julho de 1885 e morreu em Lisboa a 3 de Abril de 1954, concedeu contra a vontade do ditador Salazar cerca de trinta mil vistos a refugiados, dos quais dez mil a refugiados judeus.



# URAP APOIA ANTIFASCISTAS CROATAS PELA DEFESA DA MEMÓRIA

A URAP apoiou, em 20 de Julho, a petição lançada por activistas residentes na cidade de Perušić, na Croácia, contra a decisão de retirar um memorial em honra das vítimas do fascismo e os resistentes que morreram na II Guerra Mundial e na Guerra Civil Espanhola.

O Concelho de Perušić construiu em 1954 um primeiro memorial, alargado em 1980 para incluir os nomes de 12 veteranos vítimas da Guerra Civil Espanhola, um maior número de resistentes e 401 vítimas do fascismo na região.

Para os signatários da petição, este acto é uma manobra da extrema-direita croata e balcânica para destruir a memória, criminalizar os políticos e as organizações antifascistas e igualá-los aos fascistas, nazis e seus colaboradores. Nos últimos 30 anos, cerca de três mil estátuas, placas memoriais e símbolos dedicados a antifascistas foram demolidos.



## CHILE TERÁ NOVA CONSTITUIÇÃO

A URAP saudou o povo chileno pela decisão, em referendo, de substituir a Constituição do país em vigor há 40 anos, elaborada no tempo da ditadura militar de Augusto Pinochet (1973-1990), por uma lei fundamental democrática e progressista.

O referendo de domingo, dia 25 de Outubro, venceu por 78,3% de votos a favor, face a 21,7% contra, num universo de 14,5 milhões de chilenos. A Constituição actual entrou em vigor em 1980, durante a cruel ditadura de Pinochet, caracterizada pela repressão, tortura e desaparecimento de adversários do regime, e foi redigida principalmente por Jaime Guzmán, um dos conselheiros do ditador.



## PELO FIM DAS ARMAS NUCLEARES

Assinalando o 75.º aniversário do lançamento, pelos EUA, das armas nucleares sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasáqui, a URAP reafirmou a necessidade de pôr fim a este tipo armamento de destruição generalizada, apelando a que Portugal adira ao Tratado de Proibição de Armas Nucleares, já ratificado por 50 estados e que entrará em vigor em Fevereiro do próximo ano.

## TERROR DE DREŽNICA EVOCADO

A aldeia de Drežnica, na Croácia, evocou a 19 de Setembro a memória das vítimas do terror fascista na região. A efeméride marca o aniversário de um bombardeamento da aldeia, em 1942, quando esta se preparava para uma celebração religiosa.

A URAP enviou uma coroa de flores e fez-se representar através dos arqueólogos Rui Gomes Coelho e Sara Simões, membros de um projeto internacional que investiga a resistência anti-fascista em Drežnica.

Filip Maravić «Pipo», antigo partisan, guiou os participantes ao local onde existiu um hospital de campanha e descerrou uma placa comemorativa que substituiu outra, que tinha sido destruída na década de 1990. Durante as cerimónias evocou-se a importância da solidariedade internacional no combate ao ressurgimento da extrema-direita na Europa.

Esta informação destina-se igualmente aos núcleos da URAP, para ser utilizada localmente, tornando a luta dos democratas presos e a repressão fascista mais conhecidas e para lhes prestar homenagem nas suas localidades e concelhos.



# É PRECISO REFORÇAR A URAP COM MAIS ORGANIZAÇÃO E MEIOS FINANCEIROS

A complexa, contraditória e imprevisível situação em que vivemos, causada pela epidemia de COVID-19, agravou ainda mais as condições de vida e de trabalho de milhares e milhares de trabalhadores e suas famílias, assim como da esmagadora maioria das populações.

O agravamento da situação económica, social e cultural, as desigualdades sociais, o desemprego e a precariedade laboral, cria condições e terreno fértil para o recrudescimento de actividades fascistas e fascizantes.

Assim, há que reforçar a organização da URAP a todos os níveis, designadamente no reforço dos núcleos existentes, quer nos que estão a ser reactivados. A URAP tem sócios um pouco por todo o país, pelo que se torna fundamental concretizar a formação de novos núcleos, para o que é necessário quadros que assumam essa responsabilidade.

A par do reforço dos núcleos, é necessário continuar a inscrever novos sócios, proceder à actualização do ficheiro. A actividade permanente da URAP, embora

menor agora, devido à situação particular em que vivemos, exige contudo o seu reforço financeiro, quer na regularização das quotas quer no plano das contribuições e outras formas de angariação de fundos.

Da Assembleia-geral de 24 de Outubro saiu o apelo à contribuição, através do NIB 0007 0021 0014 3750 0065 3.

A URAP precisa de cada um nós, assim o exige a defesa dos valores do Portugal de Abril!

## ESTE NATAL OFEREÇA LIVROS DA RESISTÊNCIA E AJUDE A URAP

O Natal de 2020 vai ser um Natal singular devido à pandemia. Mas podemos ser solidários e ajudar a URAP. Nas horas infundáveis que passamos em casa, podemos ler. Ler transporta-nos para o mundo interior do livro, aumenta o conhecimento, agiliza o cérebro, exercita a memória, alarga o vocabulário e desenvolve o pensamento crítico. Ler um livro da resistência lembra-nos, ou ensina-nos, o que foram os tempos heróicos de luta que desaguaram no 25 de Abril de 1974 e na conquista da liberdade.



**Ofereça livros!**

**Ajude a URAP!**

**Venda presencial ou por encomenda.**

**Contacte-nos para [geral@urap.pt](mailto:geral@urap.pt).**

**Mais informações em [urap.pt](http://urap.pt)**

### **Forte de Peniche.**

#### **Memória, Resistência e Luta**

5ª edição (actualizada e ampliada)

Edição: URAP - 2019.

Preço: 5€ (+ portes)

Livro destinado a divulgar o Forte de Peniche como cadeia política e a vida dos antifascistas lá encarcerados, com temas como o preservar da memória do Forte,

breve história da fortaleza, diversas fugas para retomar a luta - nomeadamente a fuga colectiva de 1960 que incluía Álvaro Cunhal -, libertação dos presos a 27 de Abril de 1974. Inclui todos os nomes dos 2 510 presos em Peniche. Também em castelhano.

#### **MJT e a luta dos jovens**

#### **trabalhadores - Fios de Memórias**

Edição: URAP - 2019.

Preço: 5€ (+ portes)

Livro que celebra os 50 anos da criação do Movimento da Juventude Trabalhadora (MJT) enquanto experiência singular de organização e luta dos jovens

trabalhadores que se desenvolveu nos últimos anos da ditadura fascista e início da Revolução de Abril.

### **Tarrafal Nunca Mais**

Edição URAP - 2013. Brochura com textos de Aurélio Santos e Leandro Martins

Preço: 5€ (+ portes)

### **Uma Fortaleza da Resistência.**

#### **Peniche 1934 - 1974**

Autor: Fernando Miguel Bernardes

Edições Avante- 1991

Preço: 5€ (+ portes)

## PETIÇÃO DA URAP DEBATIDA NO PARLAMENTO

A «Petição de repúdio e exigência de que se trave e abandone a anunciada criação do “Museu Salazar”, com esse ou outro nome, em Santa Comba Dão», promovida pela URAP esteve em debate na Assembleia da República no dia 3 de Dezembro. Voltaremos ao assunto na próxima edição, com a abordagem das diferentes forças políticas ao conteúdo da petição.

## APELO PARA CEDÊNCIA DE MATERIAL PARA LIVRO SOBRE A CADEIA DE CAXIAS

A URAP está a ultimar um livro sobre a Cadeia de Caxias. A fim de o enriquecer, apela aos leitores do Boletim – sócios, ex-presos políticos, democratas em geral – para nos enviarem originais ou cópias de fotografias e documentos sobre a Cadeia de Caxias nos anos do fascismo. Precisamos de material como imagens de edifícios, deslocações das famílias, visitas e acontecimentos diversos, que podem dizer respeito também à sede da PIDE na Rua António Maria Cardoso.

[WWW.URAP.PT](http://WWW.URAP.PT)

[www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses](http://www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses)